

---

**“In America, he’s Bobby”: reflexões sobre identidades fragmentadas em *Let it Rain Coffee*, de Angie Cruz**

Maria Cláudia Simões (Doutoranda, Ciência da Literatura, UFRJ)

**RESUMO:** Este artigo objetiva analisar a construção da identidade em *Let it Rain Coffee*, da escritora dominicano-americana Angie Cruz. A obra apresenta a dominicana Esperanza Colón, que, motivada pelo que via na novela televisiva *Dallas*, abandonou grávida seu marido e filho, sonhando viver nos Estados Unidos. Após reunirem-se, Esperanza e a família passam a residir em Nova York, ainda que a dominicana continue desejando adquirir um rancho como os Ewings, de *Dallas*. A fragmentação da identidade dessa família diaspórica pode ser observada na maneira pela qual Esperanza insiste que seu filho seja chamado nos Estados Unidos: Roberto María passa a ser Bobby, como o personagem de *Dallas*. O romance oferece uma ilustração da diáspora dominicana contemporânea nos Estados Unidos, contribuindo para as reflexões acerca da construção da identidade em sujeitos diaspóricos.

**Palavras-chave:** Identidade, Diáspora, Dominicano-Americano, Angie Cruz.

**ABSTRACT:** This article aims at analyzing the construction of identity in *Let it Rain Coffee*, by Dominican-American writer Angie Cruz. The novel presents Dominican Esperanza Colón, who, motivated by what she saw in the soap opera *Dallas*, abandoned her husband and son when pregnant, dreaming of living in the United States. After reuniting, Esperanza and her family took up residence in New York, even though the Dominican continues to wish to purchase a ranch like the Ewings, from *Dallas*. The fragmentation of this diasporic family’s identity may be observed in the way Esperanza insists that her son is called in the United States: Roberto María becomes Bobby, like the character from *Dallas*. The novel offers an illustration of the contemporary Dominican diaspora in the United States, contributing to the discussions about the construction of identity in diasporic subjects.

**Key-words:** Identity, Diaspora, Dominican-American, Angie Cruz.

Em seu artigo “The Question of Cultural Identity”, o teórico Stuart Hall postula que a ideia de uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2004, p. 13, tradução nossa) Em “New Ethnicities”, Hall salienta que “Todos nós estamos, nesse sentido, *eticamente* localizados e nossas identidades étnicas são cruciais para o nosso senso subjetivo de quem somos nós.” (HALL, 1997, p. 227, grifo do autor, tradução nossa)

Nos Estados Unidos, a produção literária de escritores de origem caribenha tem problematizado o cânone estadunidense, fomentando a discussão sobre questões relacionadas a identidades fragmentadas. Este artigo objetiva analisar a construção da identidade no romance *Let it Rain Coffee* (2005), da escritora dominicano-americana Angie Cruz. A obra apresenta a dominicana Esperanza Colón, que, motivada pela vida a

que assistia na novela televisiva estadunidense *Dallas*, abandonou seu marido e filho, partindo grávida para os Estados Unidos, utilizando Porto Rico como porta de entrada.

De origem dominicana, a autora Angie Cruz, nascida e criada em Washington Heights, em Nova York, publicou seu primeiro romance *Soledad* em 2001. Sua obra ficcional e ativista recebeu diversos prêmios. Formada em Inglês pela State University of New York, Binghamton, Angie Cruz recebeu o MFA (Master of Fine Arts) em escrita criativa pela Universidade de Nova York em 1999, onde foi aluna da aclamada escritora haitiano-dominicana Edwidge Danticat (HEREDIA, 2009, p. 87).

Em seu romance *Let it Rain Coffee*, Angie Cruz oferece um recorte da diáspora dominicana na sociedade estadunidense. Na obra, a protagonista Esperanza Colón acredita que nos Estados Unidos sua vida será como a retratada na famosa novela televisiva *Dallas*. A filha, nascida em solo porto-riquenho, recebe o nome de Dallas, talvez como um lembrete de sua imagem mitificada sobre a sociedade estadunidense que compõe suas características identitárias. O marido de Esperanza acaba por juntar-se a ela em Porto Rico, levando o filho do casal. A família passa a residir em Nova York. Mesmo morando lá por mais de dez anos, Esperanza continua sonhando em adquirir um rancho no Texas como os Ewings, de *Dallas*. A fragmentação da identidade dessa personagem diaspórica pode ser observada na maneira pela qual Esperanza insiste que seu filho seja chamado nos Estados Unidos: Roberto María passa a ser Bobby. Sua atitude parece desejar apagar de alguma forma as suas origens dominicanas e estabelecer elos com a nova sociedade.

Em Nova York, Esperanza e a família vivem em dificuldades financeiras e à margem da sociedade anfitriã – destino reservado à maioria dos sujeitos diaspóricos ex-cêntricos oriundos de comunidades não hegemônicas. Talvez a realidade com que Esperanza não conseguira lidar em sua terra natal tenha fomentado sua necessidade em buscar uma vida mitificada, tendo como base um programa de televisão. As histórias que se desenrolavam à sua frente pareciam lhe dar esperança para sua própria vida. Contudo, a situação de seu país de origem, que se apresentava sem estabilidade político-econômica, pode ter contribuído para a fuga, literal e figurativa, da sua vida na República Dominicana.

Ao mesmo tempo em que Esperanza construiu uma visão extremamente pessimista de sua terra natal, ela criou uma imagem mitificada da sociedade estadunidense. No dia em que Esperanza e a família buscam o seu sogro Don Chan no aeroporto em Nova York quando de sua chegada da República Dominicana, Esperanza já demonstra que a imagem mitificada permanece a mesma: “Eles ainda não inventaram

a cura para o frio. Com todas as ótimas coisas que a América tem feito, eles ainda não resolveram isso, Esperanza disse” (CRUZ, 2005, p. 8, tradução nossa).<sup>i</sup>

Mais de uma década depois de sua partida da República Dominicana, a situação econômica da família ainda apresenta dificuldades significativas. Mesmo assim, Esperanza demonstra crer cegamente na superioridade da sociedade de destino. É interessante também observar que a dominicana utiliza o termo *América* para referir-se aos Estados Unidos. Os nascidos naquele país apropriaram-se do termo para designarem a sociedade estadunidense. Como Eduardo Galeano nos alerta sobre tal apropriação:

Pelo caminho perdemos até o direito de nos chamarmos *americanos* (...). Agora, para o mundo, América é tão só os Estados Unidos, e nós quando muito habitamos uma sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade (GALEANO, 2010, p. 18, grifo do autor).

Em *Let it Rain Coffee*, a protagonista, de certa forma, aprova tal apropriação, uma vez que ela mesma lança mão de tal termo excludente dos demais países do continente americano. A retirada simbólica do continente dos povos colonizados realizada pela sociedade estadunidense pode ser ainda endossada pelos próprios grupos provenientes dos países excluídos, assim como o faz a personagem de Angie Cruz.

Nos Estados Unidos, Esperanza atua como cuidadora de idosos, e Santo, seu marido, como motorista de táxi. Trabalhando em turnos diferentes, o casal mal se encontra, o que dificulta ainda mais o desempenho de ambos nas suas funções de pais presentes. Mesmo com a dedicação intensa ao trabalho, os rendimentos da família são ínfimos. Ainda assim, a protagonista de Angie Cruz continua a acreditar que Nova York seja um oásis de oportunidade. (CRUZ, 2005, p. 9) Entretanto, a posição ocupada por muitas minorias, entre as quais os dominicanos, nos Estados Unidos não reflete tal pensamento. Em *The Tears of Hispaniola*, Lucía M. Suárez observa:

Os dominicanos, como muitos imigrantes antes deles, vêm para os Estados Unidos agindo em sua esperança por uma vida melhor. Mas a esperança é desafiada pela realidade econômica sombria que muitas minorias sofrem nos Estados Unidos e por um legado de preconceitos arraigados e padrões de abuso contra as comunidades de cor. Quando os dominicanos vêm para os Estados Unidos, eles são colocados na categoria de “negros e hispânicos”. Eles são tornados invisíveis por mecanismos de desempoderamento socialmente construídos, e às vezes obrigatórios. Frequentemente, quando ganham visibilidade, é apenas para enfatizar uma imagem negativa da população (SUÁREZ, 2006, p. 91, tradução nossa).

Quando o sogro deixa a República Dominicana a fim de morar com a família em Nova York, os conflitos se intensificam, uma vez que este culpa Esperanza pela partida de seu filho. A atmosfera na residência apresenta-se cada vez mais conturbada. Don Chan passa a insistir com o filho Santo para retornar à sua terra natal, algo que enerva Esperanza. As origens de Don Chan não são claras. De sua história, o sogro de

Esperanza apenas sabe que ele, ainda menino, e seus pais sofreram um naufrágio, possivelmente de imigrantes clandestinos, do qual ele foi o único sobrevivente. Adotado por um pescador dominicano e sua esposa, Don Chan acabou se casando com a filha biológica do casal. O sogro de Esperanza fez da República Dominicana sua pátria e ressentia-se do fato de a nora ter, de certa forma, levado seu filho para longe.

A despeito da condição financeira da família, Esperanza dá vazão à sua sede consumista, comprando desmedidamente: “Quanto mais ela comprava, mais insaciável ela se tornava.” (CRUZ, 2005, p. 33, tradução nossa) Talvez, o consumismo de Esperanza tenha a ver não somente com o símbolo de conquista econômica que ela almejava, mas também com um vazio que tenta preencher. Após a chegada de Don Chan, a protagonista de Angie Cruz reza e pede a Deus que lhe ajude, esperando que ele lhe conceda a oportunidade de ganhar na loteria, em que ela joga aos domingos. (CRUZ, 2005, p. 33) Dias depois de suas preces, Esperanza recebe uma correspondência de uma empresa de cartão de crédito, que dizia que ela estava pré-aprovada para solicitar um cartão:

*Esperanza Colón: Você foi pré-aprovada.* Depois de trabalhar como cuidadora de idosos por cinco anos, Esperanza era elegível para um cartão de crédito, o seu próprio cartão de crédito de quinhentos dólares. Foi melhor do que ganhar na loteria, porque isso ela ganhou de seu suor. Dias depois, outra carta chegou. Você foi pré-aprovada para até 1.000 dólares. Pré-aprovada. Esperanza declamou as palavras na frente do espelho, lambendo os lábios em antecipação à sua primeira compra no cartão de crédito. Era bom ter alguma aprovação uma vez (CRUZ, 2005, p. 33, itálico da autora, tradução nossa).

Radiante por ter sido pré-aprovada pela primeira vez na vida, Esperanza aceita a oferta secretamente e passa a comprar de maneira mais compulsiva ainda. Quando chegam as faturas do cartão, a dominicana guarda as contas cuidadosamente, sem abri-las, em uma gaveta, pois planeja pagá-las quando tiver dinheiro extra: "Aqueles generosas empresas de cartão de crédito teriam que esperar. E quando ela atingiu o limite do cartão de crédito - que ela só soube, porque seus cartões já não passaram - ela colocou o próprio cartão de crédito na gaveta, esperando pagar tudo um dia, pouco a pouco." (CRUZ, 2005, p 34, tradução nossa)

Esperanza, fazendo jus ao seu nome, parece viver em profunda negação, incapaz de enxergar o mundo que a cerca. A imagem mitificada que ela criou sobre a sociedade dominante continua a existir e, de certa forma, ofusca seu senso de realidade. Nem mesmo os telefonemas das companhias dos cartões de crédito e o assassinato de seu marido em uma tentativa de assalto compelem Esperanza a desafiar sua percepção da

realidade. A despeito de todos os problemas que assolam sua família, Esperanza procura ainda ignorar sua dívida crescente.

Interessantemente, o momento em que Esperanza adquire uma noção menos fantasiosa do mundo que a cerca envolve, de certa forma, a novela televisiva *Dallas*. Tal situação ocorre quando ela encontra por acaso, no metrô de Nova York, o ator Patrick Duffy, que fez o papel de Bobby Ewing em *Dallas*. Nesse encontro, Esperanza acredita que ela estava em frente a Bobby Ewing em pessoa, mesmo que Patrick Duffy dissesse o contrário:

Ela levantou-se e pôs-se ao lado dele [Patrick Duffy]. Agarrando a barra, tentando parecer interessada no mapa do metrô ao lado da cabeça dele. Ela não queria assustá-lo. Ele lia o [jornal] *The New York Times* (...).

— Desculpe-me, disse ela, e ele olhou para ela. Ele parecia tão velho em pessoa, nada como ele parecia na televisão. Ele esperou que ela falasse. Ela não sabia por onde começar. (...)

— Desculpe-me, Bobby, disse ela.

— Meu nome é Patrick.

— Você tem certeza? Bobby Ewing de la televisión, no?

— Eu fiz o Bobby, mas —

— Yo lo sabía, ela disse (...).

— Eu tenho fotos dos meus filhos. Aquí está Dallas, e mi hijo, Bobby. Eu dei o nome dele em sua homenagem, bem, na verdade, seu verdadeiro nome é Roberto María, em homenagem ao tio-avô dele que salvou tipo uma centena de pessoas, mas na América ninguém se importa com Roberto María, então eu disse ao meu filho, você quer ser um homem importante como Bobby Ewing, você tem que ter um nome importante como Bobby Ewing. Patrick puxou a gola da camisa para longe de seu pescoço.

— Por favor, meu nome é Patrick Duffy. Bobby era um personagem fictício.

— O que é isso?

Esperanza não conhecia aquela palavra em inglês.

— De faz de conta, não real (CRUZ, 2005, p. 248-249, tradução nossa).

Na conversa que se desenrola, Esperanza pede que Patrick Duffy dê algo a ela, não somente para que seus filhos acreditem no encontro, mas também porque ela acredita que Patrick, ou, melhor dizendo, Bobby Ewing lhe deva ao menos isso. Contudo, por mais traumático que tenha sido para Esperanza, o encontro lhe proporcionou enxergar o que ela não conseguia perceber: "Vê-lo mudou tudo. (...) Mais de dezesseis anos em Nova York, esperando viver seus sonhos, e de repente alguém acendeu as luzes e ela acordou. O que ela estava esperando?" (CRUZ, 2005, p. 253, tradução nossa) Após dar-se conta da ilusão que ela própria havia criado, Esperanza finalmente decide lidar com suas dívidas. Ao deixar o metrô, Esperanza vai diretamente à empresa de cartão de crédito.

Em decorrência desse encontro, Esperanza acaba ainda, de certa forma, por realizar o desejo de seu marido. Um pouco antes de sua morte, Santo havia externado sua vontade em visitar sua terra natal, o que a esposa havia recusado veementemente.

Após o encontro com o ator Patrick Duffy, Esperanza decide levar as cinzas do marido de volta à República Dominicana:

Ela segurava a foto de Santo em seu altar e beijou-a. Olhou para as caixas cheias de roupas maiores do que seus filhos, os pertences de Santo; todas as coisas que esperavam para serem enviadas para a RD [República Dominicana]. Todas as memórias que enchiam a casa, que esperavam, que nunca mudaram; todas as coisas que ela acumulou para preencher o vazio, o vazio, para preencher a ausência.  
— Está bien, Viejo, eu levarei você para casa (CRUZ, 2005, p. 264, tradução nossa).

O processo de reconhecimento da realidade que cercava Esperanza tem início quando de seu encontro com Patrick Duffy. Foi necessária a presença do ator para que Esperanza agisse. É interessante mencionar que, de certa forma, um tipo similar de interferência ocorreu com a autora Angie Cruz. Antes de iniciar carreira no universo acadêmico e literário, Angie Cruz pretendia seguir carreira no mundo da moda como designer, enquanto trabalhava em uma loja em Nova York. Ao encontrar o ator e produtor Bill Cosby na loja, a vida de Cruz sofreu uma significativa mudança. Cosby encorajou a futura escritora a seguir seus sonhos, fossem eles na arte ou na literatura, e ofereceu a Cruz a oportunidade de escrever estórias infantis para um programa de televisão que ele estava produzindo à época. Em uma entrevista a Silvio Torres-Saillant, Angie Cruz afirma que Cosby a colocou no caminho, realmente mudando sua vida. (TORRES-SAILLANT, 2003, p. 113)

Outra questão que vale a pena ser abordada no processo de construção do sujeito diaspórico é o preconceito internalizado presente em Esperanza. O olhar que a personagem lança sobre suas origens demonstra a mesma visão estereotipada que pode ser construída pela sociedade dominante. Como se houvesse alguma lógica em considerar um grupo superior a outro, Esperanza acredita que os judeus são melhores do que os dominicanos. A personagem crê que as áreas em Nova York que são habitadas em sua maioria por dominicanos não sejam lugares adequados para se morar:

Ela [Esperanza] amaldiçoou seu síndico e todas aquelas famílias que destruíam tudo em seu prédio. Durante anos, ela queria se mudar para mais ao norte da Rua Quepasó onde as famílias judias viviam. Em torno dos judíos [judeus] é muito decente, Esperanza pensava. Ao contrário de nós, dominicanos, que não são decentes, somos tão barulhentos, nós não podemos sair das ruas. Queremos fazer as pessoas ficarem surdas com todo aquele merengue. As pessoas judias dão duro e vão à escola. É por isso que eles não gostam quando nós nos mudamos para os edifícios deles, eles têm medo que a gente vá acabar com a música (CRUZ, 2005, p. 108, tradução nossa).

No decorrer da narrativa, Esperanza externa seu constante descontentamento com sua terra natal. Um possível retorno da família à República Dominicana é inclusive empregado como uma ameaça aos filhos: "Esperanza tinha avisado a ela [Dallas] que, se ela acabasse como a fulanita do andar de cima, que ficou grávida e arruinou a vida,

ela mataria Dallas com suas próprias mãos. Ela a mandaria direto para a República Dominicana. — As crianças não têm direitos na RD, ela alertaria Dallas." (CRUZ, 2005, p. 114, tradução nossa)

Além de criticar sua terra natal, a protagonista de Angie Cruz espera o reconhecimento da família acerca de seus esforços para proporcionar-lhes uma vida melhor, ressentindo-se do comportamento dos filhos. Ao ficar ciente de que Dallas está faltando às aulas, Esperanza lamenta: "Eu não arrisquei minha vida para acabar *neste lugar*." (CRUZ, 2005, p. 211, grifo da autora, tradução nossa) Nos Estados Unidos, Esperanza havia enfrentado diversas situações desesperadoras dentre as quais: a morte de seu marido, o confinamento de seu filho Bobby em um reformatório, sua dívida crescente. Esperanza já havia se perguntado o que teria acontecido se ela tivesse permanecido na República Dominicana:

Mas desde a sua chegada [a Nova York], ela não conseguia juntar um centavo. Cada dólar ia para uma plátano [banana], um galão de leite. E o que fosse extra ia para as contas. Não importava o que ela fizesse, ela se afundava mais em dívidas. Ela só havia conseguido acumular dias, meses, anos. Se ela pudesse só vender todo esse tempo perdido. Seu tempo. O tempo de Bobby na prisão, o tempo não vivido de Santo. Tudo perdido. Como teria sido a vida deles se tivessem ficado em Los Llanos? Ou talvez se ela tivesse ficado na RD, e se mudado para a capital, talvez Bobby tivesse se matriculado na universidade, como a filha de sua irmã, que estudava direito. Mas, se Esperanza nunca tivesse partido, ela não teria sido capaz de enviar os vinte dólares aqui e os trinta dólares lá que ajudaram para os livros de sua sobrinha, o papel, e os lápis (CRUZ, 2005, p. 153, tradução nossa).

Esperanza mostra-se atormentada pela angústia do que não foi vivido, pela não realização de seus sonhos. Além disso, suas reflexões apresentam-se conflitantes. Esperanza chega a considerar que, se ela tivesse permanecido na República Dominicana, seu filho poderia ter se tornado um estudante universitário como sua sobrinha. Paradoxalmente, a ajuda financeira proveniente de seu trabalho nos Estados Unidos foi o que contribuiu para os estudos da jovem. Em seus questionamentos, a personagem parece buscar uma justificativa ou mesmo um alento proporcionado por sua partida.

Ainda que Esperanza busque constantemente estabelecer elos com a nova sociedade, suas raízes dominicanas continuam a fazer parte de suas características identitárias. Em uma discussão com sua mãe, Dallas lança mão desse componente materno e fala rapidamente em inglês a fim de que Esperanza não possa compreender suas palavras: "—Você quer que eu acabe como você, trabalhando para um idiota estúpido que faz você ficar acordada a noite toda limpando o traseiro dele? Para quê? Dallas disse baixinho, bem rápido, em inglês para que sua mãe não conseguisse decifrar o que ela estava dizendo." (CRUZ, 2005, p. 212, tradução nossa)

O relacionamento entre elas apresenta-se conflituoso, estremecido ainda mais pelo nome que Esperanza escolheu para a filha: chamar-se Dallas Colón parecer ter contribuído para que a jovem construa uma imagem negativa de si: “— Eu odeio o meu nome! Não o pronuncie alto. Ele me faz querer vomitar.” (CRUZ, 2005, p. 213, tradução nossa) Vale a pena destacar que, ao mesmo tempo em que Esperanza parece desejar implementar o que considera os benefícios de viver na sociedade anfitriã, a dominicana mantém certos pré-conceitos adquiridos em sua terra natal. Esperanza exige que a filha desempenhe atividades domésticas, das quais todos se beneficiam, enquanto que ao filho primogênito não é sequer solicitada participação em tais tarefas. Questionada por Dallas sobre os diferentes tratamentos dados à jovem e ao irmão Bobby, Esperanza dispara: “Bobby é homem.” (CRUZ, 2005, p. 213, tradução nossa)

Como a teórica bell hooks<sup>ii</sup> afirma, semelhante a outras formas de opressão, “o sexismo é perpetuado por estruturas institucionais e sociais: por indivíduos que dominam, exploram, ou oprimem; e pelas próprias vítimas, que são socializadas para se comportarem de forma a fazê-las agir em cumplicidade com o *status quo*.” (HOOKS, 1997, p. 43, tradução nossa) Ao mesmo tempo em que Esperanza deseja um futuro melhor para sua filha, a protagonista de *Angie Cruz* adota padrões tradicionais androcêntricos na criação de seus filhos.

No decorrer da narrativa, o leitor é apresentado aos conflitos vividos por Esperanza. A protagonista de *Let it Rain Coffee* tem que negociar com duas culturas ao mesmo tempo em que lida com suas próprias percepções de si e do ambiente que a cerca. Como Lawrence Grossberg observa, “a figura da *fragmentação* enfatiza a multiplicidade de identidades e posições dentro de qualquer identidade aparente. (...) As identidades são sempre contraditórias, feitas de fragmentos parciais.” (GROSSBERG, 1997, p. 91, grifo do autor, tradução nossa)

Como este artigo procurou discutir, o romance *Let it Rain Coffee*, de Angie Cruz, oferece uma ilustração da diáspora dominicana contemporânea nos Estados Unidos, contribuindo para a problematização de questões relacionadas à construção da identidade em sujeitos diaspóricos.

## Notas

---

<sup>i</sup> A nossa tradução das citações diretas do romance de Angie Cruz restringiu-se aos trechos em língua inglesa. Desta forma, mantivemos no original os vocábulos escritos em língua espanhola, reproduzindo, assim, o emprego dado pela autora. Quanto ao termo América, utilizado por muitos cidadãos estadunidenses para referirem-se aos Estados Unidos da América, optamos por mantê-lo como no original a fim de marcar tal apropriação.



---

<sup>ii</sup> O pseudônimo da teórica foi grafado em letras minúsculas em respeito à decisão da própria autora em assinar seus textos desta maneira. A teórica afirma que ela acredita que o mais importante é a solidez de seus textos e não quem ela é (WILLIAMS, 2006, p. 1)

## Referências Bibliográficas

CRUZ, Angie. *Let it Rain Coffee*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2005.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 3ª ed. Tradução: Sergio Franco. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GROSSBERG, Lawrence. “Identity and Cultural Studies: Is that All There Is?”. In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (Eds.). *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications, 1996, p. 87-107.

HALL, Stuart. “New Ethnicities”. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Eds.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997, p. 223-227.

\_\_\_\_\_. “The Question of Cultural Identity”. In: HALL, Stuart et al (Eds.). *Modernity: An Introduction to Modern Societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 595-634.

HEREDIA, Juanita. *Transnational Latina Narratives in the Twenty-first Century: The Politics of Gender, Race, and Migrations*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SUÁREZ, Lucía M. *The Tears of Hispaniola: Haitian and Dominican Diaspora Memory*. Gainesville: University Press of Florida, 2006.

TORRES-SAILLANT, Silvio. “Writing Has To Be Generous: An Interview with Angie Cruz”. In: *Calabash: a Journal of Caribbean Arts and Letters*. Vol. 2, n. 2: Summer/Fall, 2003, p. 107-127.

WILLIAMS, Heather. “bell hooks Speaks up”. In: The Sandspur. February 10, 2006, Disponível em: <<http://www.thesandspur.org/news/bell-hooks-speaks-up-1.2391565>>. Acesso em 20 set. 2011.